

POTENCIAL DE UTILIZAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS MEDICINAIS NO RIO GRANDE DO SUL

BARATA-SILVA, André Wagner

Universidade Federal de Lavras

MACEDO, Renato Luiz Grisi

Universidade Federal de Lavras

GOMES, Jozébio Esteves

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal – Garça - SP

RESUMO

O objetivo deste estudo é resgatar os conhecimentos contemporâneos sobre o uso de árvores com potencial medicinal baseados em levantamentos etnobotânicos em três populações tradicionais no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Étnobotânica, comunidades tradicionais e árvores de uso medicinal.

ABSTRACT

The objective of this study is to rescue the knowledge contemporaries on the use of trees with medicinal potential based in ethnobotany surveys in three traditional populations in the state of the Rio Grande do Sul.

Key-Words: ethnobotany, traditional communities and trees of medicinal use

1 INTRODUÇÃO

A medicina tradicional teve seu início antes do desenvolvimento e divulgação da medicina moderna. O acúmulo de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais, vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais e a utilização de plantas medicinais tornou-se uma prática generalizada na medicina popular. Atualmente esta prática milenar tem encontrado espaço destacado, tendo como algumas das causas, os crescentes aumentos dos preços dos medicamentos alopáticos, inacessíveis a maioria da população, bem como os inúmeros efeitos colaterais destes (Mors, 1982; Schenkel et al, 1985).

De acordo com a organização mundial da saúde, a fitoterapia é uma importante alternativa para o tratamento de doenças em muitos países em desenvolvimento, em atenção aos cuidados primários com a saúde (OMS, 1993). O resgate cultural, através de registros e documentação do

conhecimento tradicional incluindo as informações dos usos empíricos das plantas, é indispensável, por estarem as mesmas sob o risco de desaparecimento (Caballero, 1987).

No Brasil, considerando a ampla diversidade de espécies vegetais, bem como a riqueza etno-cultural, as plantas medicinais devem ocupar posição de destaque em relação à importância do uso popular medicinal. A realização de estudos etnobotânicos possibilita o resgate e a preservação dos conhecimentos populares das comunidades envolvidas. Inserido neste contexto, o objetivo deste estudo é resgatar os conhecimentos contemporâneos sobre o uso de árvores com potencial medicinal baseados em levantamentos etnobotânicos em populações tradicionais no estado do Rio Grande do Sul.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi baseado em dados obtidos em trabalhos realizados em três comunidades tradicionais do estado do Rio Grande do Sul. Sendo estes:

Dorigoni et al (2001), realizou o levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine. As informações foram obtidas através de entrevistas realizadas em 85 residências. Foi aplicado um questionário para cada residência, baseado no modelo utilizado por Somavilla & Canto-Dorow (1996).

Garlet & Irgang (2001), realizaram o levantamento de plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais, no município de Cruz Alta. A coleta dos dados envolveu entrevistas abertas semi-estruturadas, com a técnica da observação participante ou direta, complementadas por observações específicas.

Marodin (2001), realizou um trabalho sobre o uso de plantas medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara. Os dados foram coletados, por meio de entrevistas estruturadas (Martin, 1995), com o emprego de um questionário.

3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

As árvores utilizadas como uso terapêutico pelas respectivas comunidades tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul estão descritas no Quadro 1.

QUADRO 1 Relação das árvores medicinais citadas, de acordo com as famílias botânicas, nomes científicos e populares, entre parênteses a origem (i=introduzida, n=nativa); região de ocorrência.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Região 1	Região 2	Região 3
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Coqueirovermelho(n)		X	
Bignoniaceae	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Ipê-roxo(n)	X		
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia forficata</i>	Pata-de-vaca(n)	X	X	X
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia microstachya</i>	Pata-de-vaca(n)			X
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira santa(n)	X	X	X
Cupressaceae	<i>Cupressus arizonica</i>	Cipreste(i)		X	
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i>	Caqui(i)	X	X	
Fabaceae	<i>Erythrina crista-galli</i>	Corticeira(n)		X	
Flacourtiaceae	<i>Casearia decandra</i>	Carvalinho(n)		X	
Flacourtiaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	Erva-de-bugre(n)	X	X	X
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Canela(i)	X		X
Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i>	Louro(i)	X	X	
Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacateiro(i)	X	X	X
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i>	Cinamomo(i)		X	X
Mimosaceae	<i>Parapiptadenia rigida</i>	Angico-verm.(n)	X	X	
Moraceae	<i>Morus nigra</i>	Amoreira(i)	X		X
Moraceae	<i>Ficus carica</i>	Figueira(i)		X	
Myrtaceae	<i>Eucalyptus citriodora</i>	Eucalipto(i)	X	X	X
Myrtaceae	<i>Eugenia involucrata</i>	Cerejeira(n)		X	
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitangueira(n)	X	X	X
Myrtaceae	<i>Plinia trunciflora</i>	Jabuticaba(i)	X		
Myrtaceae	<i>Psidium cinereum</i>	Araçá do campo(n)		X	
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira(i)	X	X	X
Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i>	Jambolão(i)	X	X	X
Piperaceae	<i>Pothomorphe umbellata</i>	Pariparoba(i)			X
Punicaceae	<i>Punica granatum</i>	Romã(i)	X	X	X
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i>	Amexeira(i)	X	X	X
Rosaceae	<i>Malus domestica</i>	Maçã(i)		X	
Rosaceae	<i>Prunus persica</i>	Pessegueiro(i)	X		X
Rutaceae	<i>Citrus limon</i>	Limão(i)	X	X	
Rutaceae	<i>Citrus máxima</i>	Laranja- azeda(i)	X		
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i>	Bergamoteira(i)	X	X	X
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i>	Laranja(i)	X	X	X
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i>	Lima(i)	X	X	
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i>	Camboatá(n)		X	
Tiliaceae	<i>Luehea divaricata</i>	Açoita-cavalo(n)	X	X	X

Fonte: Região 1: São João do Polêsine (Dorigoni et al, 2001)/ Região 2: Cruz Alta (Garlet et al, 2001)/ Região 3: Dom Pedro de Alcântara (Marodin et al, 2001),

De acordo com a Quadro 1, foram citadas 36 espécies de porte arbóreo que são empregadas na medicina popular das comunidades. Destas, 24 espécies são utilizadas em São João do Polêsine (região 1), 28 espécies em Cruz Alta (região 2) e 19 espécies em Dom Pedro de Alcântara (região 3).

Dentre as espécies arbóreas citadas com uso medicinal, 14 são nativas e 22 exóticas. Este fato sugere a influência da origem das populações envolvidas, sendo elas formadas por imigrantes europeus, o que justificaria 61% das espécies utilizadas serem introduzidas, enquanto 39% são nativas, mostrando o grau de adaptação destes imigrantes ao ambiente por eles colonizado. A região de Cruz Alta (região2), mostrou o maior índice de utilização de espécies nativas com 43%. No entanto em relação ao uso de espécies introduzidas a região de São João ficou com o maior índice, atingindo o percentual de 71 %. Isto pode se justificar, ao fato de São João do polêsine, ser a menor comunidade, com a maior parte vivendo em zona rural e formada por descendentes de colonizadores italianos chegados ao Estado no início do século XX, ou seja a cultura européia esta ainda fortemente presente nos hábitos e tradições da comunidade, o que se reflete no maior uso de espécies exóticas.

O maior número de espécies foi encontrado para família Myrtaceae (7), em segundo a família Rutaceae (5), e dividindo o terceiro lugar as famílias Lauraceae (3) e Rosaceae (3).

Realizando o índice de similaridade de Sorenson entre as comunidades, obteve-se o resultado médio de 68% de similaridade entre as regiões.

Considerando respectivamente a similaridade entre as regiões 1-2= 70%; 1-3=74%; 2-3= 60%. Este resultado indica uma alta semelhança no uso de plantas arbóreas com fins medicinais por estas comunidades tradicionais do estado do Rio Grande do Sul. O maior índice de similaridade ocorreu entre as regiões de São João do Polesine e Dom Pedro de Alcântara. Temos que observar que os ecossistemas das regiões são bastante distintos. Talvez esta maior similaridade seja mais uma vez, em função da origem colonizadora.

Nas preparações dos remédios, há um predomínio da utilização das folhas (83%), em relação as demais partes da planta, esta alta prevalência da utilização das folhas já era esperado, por se tratarem de espécies arbóreas. Em relação ao modo de preparo, o procedimento mais utilizado com as espécies arbóreas é a infusão (80%) e a decocção (47%). Com relação as indicações para uso, as comunidades indicam um maior número de plantas para o tratamento Gripes, problemas gastrointestinais e respiratórios (Quadro 2).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação às análises dos dados é interessante ressaltar o fato de 61% das árvores utilizadas no uso medicinal das populações tradicionais no sul do Brasil sejam exóticas. Corroborando ao fato que no Brasil, a utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta, fundamentalmente, influências da cultura indígena, africana e européia.

Outro fato interessante, é a maior similaridade ocorrida entre as regiões mais distantes e com biomas mais distintos, sendo elas a região de São João do Polesine e a região de Dom Pedro de Alcântara, mostrando mais uma vez a influência da origem colonizadora no uso de plantas medicinais.

QUADRO 2 Relação das árvores medicinais citadas, de acordo com as famílias botânicas, nomes científicos e populares; parte utilizada (PU); modo de preparo (MP); indicações de uso (IND).

Família	Nome Científico	Nome Popular	PU	MP	IND
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Coqueirovermelho	Casca/caule	Infusão	Sinusite,expectorante
Bignoniaceae	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Ipê-roxo	caule	Inf/dec	Hepáticas, visão
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia forficata</i>	Pata-de-vaca	Folha	Infusão	Diabetes, infec. rins
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia microstachya</i>	Pata-de-vaca	Folha	Infusão	Diabetes, infec. rins
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira santa	Folha	Infusão	males estomago,rins
Cupressaceae	<i>Cupressus arizonica</i>	Cipreste	Folha	Infusão	sinusite
Ebenacea	<i>Diospyros kaki</i>	caqui	Folha	Decocto	gripe
Fabaceae	<i>Erythrina crista-galli</i>	corticeira	Casca/caule	Infusão	Gripe, gastrite
Flacourtiaceae	<i>Casearia decandra</i>	carvalinho	Folha/ caule	Infusão	
Flacourtiaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	Erva-de-bugre	Folha	Decocto	Colesterol, picada de cobra
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Canela	Folha, caule	Infusão	Males respiratórios, gastrointestinais
Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i>	louro	Folha	Decocto	Cólica menstrual
Lauraceae	<i>Persea americana</i>	abacateiro	Folha	Inf/dec	Hipertensão, infecção
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i>	cinamomo	Casca/caule	Infusão	Gargarejo para dor garganta
Mimosaceae	<i>Parapiptadenia rigida</i>	Angico-vermelho	Folha	Infusão	virilidade
Moraceae	<i>Morus nigra</i>	amoreira	Folha	Infusão	hipertensão
Moraceae	<i>Ficus carica</i>	Figueira	Folha	Infusão	Gripe, resfriado
Myrtaceae	<i>Eucalyptus citriodora</i>	eucalipto	Folha	Decocto	Males respiratórios
Myrtaceae	<i>Eugenia involucrata</i>	cerejeira	Folha	Inf/dec	tosse
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	pitangueira	Folha	Inf/dec	Diarréia, cólica
Myrtaceae	<i>Plinia trunciflora</i>	jabuticaba	Caule	Infusão	Males da visão
Myrtaceae	<i>Psidium cinereum</i>	Araçá do campo	Folha	Infusão	Males da próstata
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	goiabeira	Folha,caule, casca, fruto	Inf/dec	Cólica , diarréia
Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i>	jambolão	Folha	Decocto	Diabetes, gastrointestinais
Piperaceae	<i>Piper mikaniaanum</i>	pariparoba	Folha	Inf/dec	Dor em geral
Punicaceae	<i>Punica granatum</i>	romã	Folha, fruto	Inf/dec	Cólica, diarréia
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i>	amexeira	Folha	Inf/dec	Colesterol, hipertensão
Rosaceae	<i>Malus domestica</i>	maça	Casca/fruto	Infusão	Diurético, energético
Rosaceae	<i>Prunus persica</i>	pessegueiro	Folha	Inf/dec	Dor de cabeça, gripe
Rutaceae	<i>Citrus limon</i>	limão	Folha	Infusão	Gripe, tosse
Rutaceae	<i>Citrus máxima</i>	Laranja- azeda	Folha	Decocto	gripe
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i>	bergamoteira	Folha,casca/ fruto	Inf/dec	Ovários, colesterol
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i>	laranja	Folha	Infusão	Gripe, gastrointestinal
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i>	Lima	Flor, folha, casca	Infusão	Calmante, corrimento
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i>	camboatá	Folha	Infusão	bronquite
Tiliaceae	<i>Luehea divaricata</i>	Açoita-cavalo	Folha,caule, flor	Decocto	tosse

Fonte: Dorigoni et al (2001); Garlet et. al (2001); Marodin et. al (2001).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABALLERO, J. Etnobotânica y desarrollo: la búsqueda de nuevos recursos vegetales. In: Congreso Latinoamericano de Botânica, 4, 1986, Medellín. **Memórias**. Bogotá: Guadalupe, p. 79-96, 1987.

DORIGONI, P.A. et al. Levantamentos de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I- Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v.4, n.1, p. 69-79, 2001.

GARLET, T.M.B; IRGANG, B.E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v.4, n.1, p. 9-18, 2001.

MARODIN, S.M. et al. O uso de plantas com fins medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v.4, n.1, p. 57-68, 2001.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany**: a people and plants conservation manual. London: Chapman & Hall, 1995. 268p.

MORS, W.B. Plantas medicinais. **Ciência Hoje**, v.3, p. 14-9, 1982.

OMS. **Diretrizes sobre conservacion de plantas medicinales.** Londres: Media Natura, 58 p, 1993.

SOMAVILLA, N.; CANTO- DOROW, T.S. Levantamento das plantas medicinais utilizadas em bairros de Santa Maria- RS. **Ciência e Natura**, v.18, p.131-48, 1996.

SCHENKEL, E.P, SIMÕES, C.M.O, MENGUE, S.S. et al. O espaço das plantas medicinais e suas formas derivadas na medicina científica. **Caderno de farmácia**, v.1, n.2, p. 65-72, 1985.